9ª Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS
6º Simpósio da Pós-Graduação
ISSN 2319-0124

O CONTEXTO MICRORREGIONAL DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA: hierarquia urbana e fatores de atratividade

Nathália O. S. COSTA[1]; Alexandre C. de ANDRADE[2]

RESUMO

As cidades médias possuem importância notória na rede urbana brasileira, pois provém ao espaço microrregional bens e serviços que geralmente não são encontrados em centros menores, já aos habitantes advindos de grandes metrópoles oferta melhor qualidade de vida a menores custos. É nesse contexto que está São João da Boa Vista (SP), típica cidade média que capitaneia a microrregião a qual pertence, no entanto, são poucos os estudos acerca dessa realidade local. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo promover uma análise temporal dessa microrregião, evidenciando a posição hierárquica das cidades ao longo das décadas, os fatores de atração que motivam os fluxos a elas direcionados e o papel de cidade média desempenhado por São João da Boa Vista.
Palavras-chave: São João da Boa Vista; Cidade média; Microrregião.

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1970 o governo brasileiro investiu em diversas políticas públicas de desenvolvimento regional, em consequência emergiram no interior do estado de São Paulo diversos centros urbanos intermediários, e a medida que ganharam destaque na rede urbana aspiraram a categoria de cidades médias. Cidades essas que possuem características próprias, como as funções urbanas voltadas ao contexto microrregional, o diferenciado espaço intraurbano e tamanho demográfico, que é um fator relevante, porém não determinante no que se refere a classificação de tais cidades (CORRÊA, 2007), haja vista que existem cidades médias de mais de 200 mil habitantes como Presidente Prudente (SP) e outras de apenas 80 mil, como é o caso de São João da Boa Vista (SP). Para Corrêa (2007) o contingente demográfico tem sua importância no que se refere a ser funcional o suficiente para possibilitar a existência de atividades e funções que atendam as necessidades regionais.

Tendo em vista esse cenário, de São João da Boa Vista como cidade média, evidencia-se a existência de uma lacuna referente aos estudos geográficos que contemplem o contexto regional no qual o município são-joanense e as cidades de sua microrregião estão inseridos, sendo eles: Águas da Prata, Caconde, Casa Branca, Divinolândia, Espírito Sano do Pinhal, Itobi, Mococa, Santo Antônio do Jardim, São José do Rio Pardo, São Sebastião da Grama, Tambaú, Tapiratiba e Vargem Grande do Sul. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise temporal dessa microrregião, evidenciando a posição hierárquica das

[1] Graduanda em Geografia – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas. Bolsista da FAPEMIG de Iniciação Científica. E-mail: nathaliacosta40@hotmail.com
[2] Professor do curso de Geografia – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Poços de Caldas. E-mail: alexandre.andarade@ifsuldeminas.edu.br

ISSN 2319-0124

cidades ao longo das décadas, os fatores de atração que motivam os fluxos a elas direcionados e o papel de cidade média desempenhado por São João da Boa Vista.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Alcançar o objetivo proposto requer a integração de distintos procedimentos metodológicos, para tanto, revisão bibliográfica, coleta e análise de dados do IBGE foram utilizados de maneira conjunta. No que tange a revisão bibliográfica privilegiaram-se artigos e periódicos que englobam as temáticas "cidades médias", "redes urbanas", e "hierarquia urbana" em suas discussões, no entanto, para melhor entender a realidade da microrregião realizou-se o levantamento e análise de dados regionais disponibilizados em um estudo do IBGE, o "Região de Influência das Cidades" (REGIC).

A utilização do REGIC como material para fundamentação teórica é indispensável no que se refere a análises regionais, pois como relata Egler *et al.* (2011), essa é uma base referencial importante para a análise conjunta da questão urbana e regional no país, que nos permite realizar um diagnóstico mais preciso, pois utiliza os municípios como categorias de análise. Neste trabalho o REGIC evidenciou a posição hierárquica das cidades pertencentes à microrregião de São João da Boa Vista, na rede urbana regional, em quatro momentos, 1966, 1978, 1993 e 2007 (anos de publicação do estudo), e também auxiliou a identificar a intensidade dos fatores de atração de cada uma e os municípios de origem dos fluxos.

3. DESENVOLVIMENTO

A microrregião de São João da Boa Vista está inserida na mesorregião de Campinas e alguns de seus municípios fazem divisa com o estado de Minas Gerais. De acordo com o último censo demográfico (IBGE, 2010) esta microrregião possui um total de 460.293 mil habitantes, distribuídos entre os 15 municípios que a integram, sendo o mais desenvolvido demográfica e economicamente São João da Boa Vista, que é, portanto, a cidade com maior expressividade na rede urbana local.

Nesse cenário a cidade são-joanense ocupa a posição de centro sub-regional (REGIC, 2007) e, como típica cidade média, recebe influência direta da metrópole regional Campinas e interage com os centros menores de seu entorno. Esse contexto regional há décadas é característico de São João da Boa Vista, fato tal que reafirma sua posição de destaque nessa rede microrregional, como mostrado na Tabela 1.

ISSN 2319-0124

	NÍVEIS E DENOMINAÇÕES DE CENTRALIDADES			
CIDADE	**1966**	**1978**	**1993**	**2007**
Águas da Prata				5 (centro-local)
Caconde				5 (centro-local)
Casa Branca	4b (centro-local B)	Centro de zona	2 (Fraco)	5 (centro-local)
Divinolândia				5 (centro-local)
Espírito Santo do Pinhal	4a (Centro local A)	Centro de Zona	2 (Fraco)	4B (Centro de Zona B)
Itobi				5 (centro-local)
Mococa	4b (Centro local B)	Centro de Zona	2 (Fraco)	4B (Centro de Zona B)
Santa Cruz das Palmeiras				5 (centro-local)
Santo Antônio do Jardim				5 (centro-local)
São João da Boa Vista	3b (Centro sub-regional B)	Centro Sub-Regional	5 (Forte para médio)	3A (Centro Sub-regional A)
São José do Rio Pardo	4a (Centro local A)	Centro Sub-Regional	3 (Médio para fraco)	4A (Centro de Zona A)
São Sebastião da Grama				5 (centro-local)
Tambaú		Centro de Zona		5 (centro-local)
Tapiratiba				5 (centro-local)
Vargem Grande do Sul		Centro de Zona	2 (Fraco)	5 (centro-local)

Tabela 1: Posição hierárquica das cidades da microrregião de São João da Boa Vista de na rede urbana nos anos 1966, 1978, 1993 e 2007. **Fonte:** REGIC, 2007.

A tabela acima apresenta a classificação adotada pelo REGIC, que se dá conforme o número de relações que as cidades estabelecem com o seu entorno, através de deslocamento para ensino superior, compras, uso de aeroportos em voos de linhas regulares, busca de serviços de saúde, atividades de lazer e frequência de ligações por transporte coletivo. Essas categorias compreendem uma gama variada de aspectos, e compõem grande diversidade de relações. Sendo assim, as cidades tidas como "centro local", nesse caso um total de onze das quinze pertencentes à microrregião de São João da Boa Vista, são detentoras de uma centralidade que não extrapola seus limites municipais, servindo apenas para seus habitantes. Os "centros de zona" são aquelas cidades que tem sua atuação restrita a sua área imediata, ao passo que os centros sub-regionais têm uma área de influência maior.

Como evidenciado acima, poucas são as cidades a ter certo grau de expressividade na rede urbana, no entanto, a cidade são-joanense sempre esteve acima hierarquicamente de todas as outras pertencentes à microrregião. Essa interação com o entorno teve início há quase dois séculos atrás, com a inauguração da estação ferroviária, contemplada pelo Ramal Caldas, que tinha o intuito de transportar passageiros e escoar a produção comercial municipal e também da cidade mineira de Poços de Caldas.

ISSN 2319-0124

No que tange os fatores de atração responsáveis pelos fluxos direcionados a cada cidade, Espírito Santo do Pinhal, Mococa, Santa Cruz das Palmeiras, São João da Boa Vista e São José do Rio Pardo são as únicas cidades que apresentam níveis com certa centralidade em todas as categorias (Gestão Federal, Gestão Empresarial, Comércio, Serviços e Saúde) principalmente no que se refere à educação, pois alguns fluxos tem origem em municípios mineiros, tais como Albertina, Arceburgo, Botelhos, Guaranésia, Muzambinho, dentre outros.

Em relação ao restante das categorias não há nenhuma cidade que apresente níveis de centralidade muito diferente das demais, mas é válido ressaltar que São João da Boa Vista se destaca quanto à porcentagem de variedade de comércio e serviços, que é muito maior do que nos outros centros urbanos (REGIC, 2007). Fato tal que pode estar associado aos "pontos de modernidade" presentes no contexto são-joanense e que também são voltados ao espaço regional, como as redes de *fast food* que não são encontradas em outras cidades da microrregião.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se das cidades pertencentes à microrregião de São João da Boa Vista, pode-se afirmar que nem todas possuem fatores de atratividade para moradores dos espaços urbanos e rurais de seu entorno.

No contexto espacial supracitado, São João da Boa Vista possui uma diversificada estrutura de comércio e de prestação de serviços, que reforça e consolida sua posição de principal cidade na rede urbana regional desde a década de 60 (REGIC, 2007).

REFERÊNCIAS

CORREA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias: espaços de transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

EGLER, Cláudio Antônio Gonçalves; MENDES, Constantino Cronenberger; FURTADO, Bernardo Alves; PEREIRA, Rafael Henrique Moraes. Bases conceituais da rede urbana brasileira: análise dos estudos de referência. In: PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; FURTADO, Bernardo Alves. **Dinâmica urbano-regional. Rede urbana e suas interfaces**. Brasília: IPEA, 2011. pp. 25-46.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de Influência das Cidades (2007)**. Rio de Janeiro, 2008. 201 p.